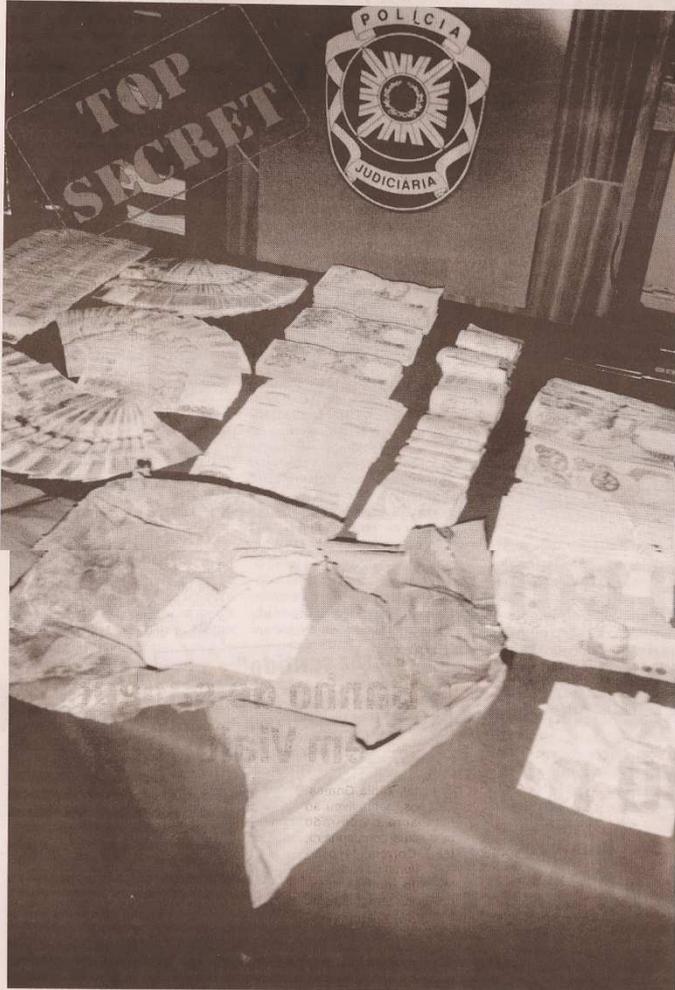


**PJ AVISARA
«SECRETAS»
PARA
«BANHO
DE SANGUE»
NA GUINÉ**

Tráfico de droga por violentas de Nino e



Relatórios da DCITE da PJ alertando as nossas «secretas» para a crescente implantação dos narcotraficantes colombianos na Guiné-Bissau foram «metidos na gaveta»

VASTA documentação foi objecto de relatórios, da antiga DCITE (PJ) alertando para o banho de sangue entre as principais facções beligerantes que lutavam pelo controlo do tráfico na Guiné-Bissau, a principal fonte de riqueza de uma elite corrupta e que ia «engordando» num país cada vez mais paupérrimo, sustentada, dizem

as nossas fontes, pelos cerca de 60 narcotraficantes colombianos instalados no país. Facções bem demarcadas: num lado dos «beligerantes», os chamados «oficiais» liderados pelo general Tagmé Na Waí, do outro, os «civis», apelidados de «Agentas», afectos às milícias criadas e armadas por Nino Vieira durante a guerra civil de 1998. Os

dois líderes acabaram violentamente assassinados esta semana, segundo a versão oficial, por motivos relacionados com vinganças pessoais — Tagmé foi morto no domingo à bomba no quartel geral em Bissau, Nino Vieira na sua própria casa, a tiro e à catanada na presença da mulher que conseguiu escapar ileso — mas as autoridades

A crescente implantação dos cartéis da droga colombianos na Guiné-Bissau e a sua influência sobre as principais figuras ligadas ao governo e ao aparelho militar da ex-colónia portuguesa foi acompanhada de perto pela Polícia Judiciária, através das investigações que decorriam na Direcção Central de Tráfico de Estupefacientes (DCITE), actual Unidade Nacional de Combate à Droga, e foram sendo transmitidas aos serviços de informações portuguesas (SIS e SIEDM)

policiais portuguesas contactadas pelo «o Crime» estão seguras que as verdadeiras causas destes dois assassinios nunca serão convenientemente explicados, apesar do governo guineense ter nomeado uma comissão de inquérito.

«Se nunca foram clarificadas as circunstâncias das mortes dos dois anteriores CEMGFA, o brigadeiro Ansumane Mané em 2000 e do general Veríssimo Correia Seabra, em 2004, não será agora que se vai estabelecer uma conexão de todas estas mortes ao narcotráfico, apesar de um dos assassinados ser o próprio presidente. Tudo continuará na mesma, ou seja, a instabilidade política e a miséria continuarão a grassar na Guiné-Bissau, um panorama que convém que se mantenha inalterável aos grandes tubarões da droga transformaram a Guiné numa placa giratória da droga para a Europa e que ali actuam há décadas de uma forma impune», assegurou a «o Crime» um dos elementos policiais que participou na elaboração dos referidos «dossiers».

Informação 'menosprezada'

Estranhamente, e ainda segundo o nosso interlocutor, essa vasta informação, colhida desde os anos oitenta, foi menosprezada pelos coordenadores do combate à droga e pelos vários governos, do PSD ao PS. «Houve um responsável, já retirado, que chegou a dizer: isso é lá com os pretos eles que se amanhassam», diz. Só mais tarde, e depois dos alertas recebidos da DEA e pela Interpol, numa altura em que as estatísticas da ONU apontavam números alarmantes,

na ordem de uma tonelada por dia de droga vinda da Guiné para a Europa, é que a PJ resolveu enfrentar o «problema» de uma forma mais realista.

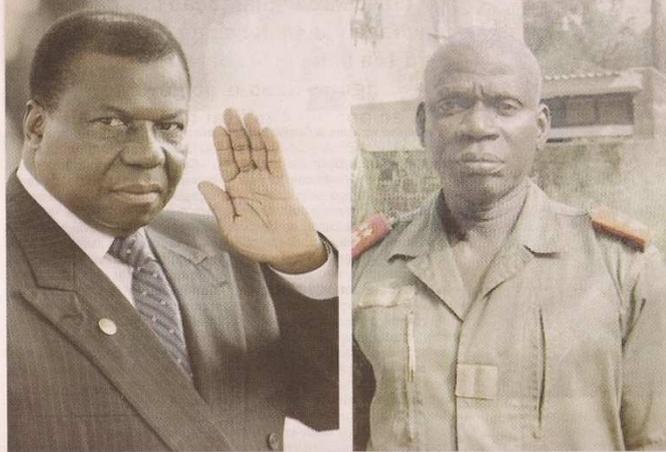
Os documentos elaborados pela PJ portuguesa e aos quais «o Crime» teve acesso, revelam a existência, desde meados dos anos 80, de uma rota africana de tráfico de heroína tendo por destino a Europa, principalmente Espanha e Portugal, onde os traficantes possuíam «contactos» privilegiados ao nível da política para «implantar» o produto e efectuar o branqueamento do «dinheiro sujo», principalmente na compra de imóveis em zonas turísticas, como foi o caso do Algarve e

Episódios curiosos

Situada numa zona privilegiada da África Ocidental, numa costa bastante recortada, «polvilhada» de pequenas ilhas (82), onde os desembarques podem ser feitos de uma forma discreta (através de lanchas rápidas de navios situados ao largo), a Guiné-Bissau tornou-se numa alternativa mais segura para o tráfico de droga produzida nos laboratórios colombianos, principalmente desde que a DEA começou a apertar a vigilância nas chamadas rotas tradicionais que passavam pela América Central.

Para a total impunidade de que gozam os narcotraficantes, muito contribuiu a cumplicidade da elite militar e política do país, surgindo relatos de episódios estranhos que justificam os sinais exteriores de riqueza patenteados por muita gente

de trás das mortes do general Tagmé



Nino Vieira e Tagmé Na Waí tiveram o mesmo fim violento e um percurso de vida com muitos pontos coincidentes, onde avulta a «facha» dos albaneses à crescente implantação dos cartéis colombianos que tudo controlam na antiga colónia portuguesa

o Norte do Portugal, onde alguns das principais líderes guineenses chegaram a adquirir sumptuosas moradias.

enfiados no ânus dos chamados «mulas». Segundo revelam os documentos oficiais a que tivemos acesso, a dada altura, o acordo

cultural estabelecido entre o Brasil e a Nigéria levou a que o «centro de operações» do tráfico de droga da Guiné se tenha deslocado para

“Mulas” em trânsito

Durante este período, através de África, com recurso a cidadãos nigerianos, chegavam aos aeroportos portugueses quilos de heroína que era introduzida em preservativos

afecta ao poder. Fala-se à boca pequena que 600 quilos de cocaína terão sumido dos cofres do Ministério das Finanças (não havia local mais seguro na Guiné, porque as instalações da PJ não têm condições, não existindo sequer uma caixa-forte e onde computadores oferecidos por países estrangeiros continuam empacotados); de aviões retidos no aeroporto sob «proteção militar» cujo conteúdo desapareceu durante a noite, tendo sido igualmente subtraídas as caixas negras para não deixar qualquer rasto, principalmente da rota seguida pelas aeronaves; de armazéns implantados no arquipélago dos Bijagós a cujo acesso só é permitido a altas patentes militares. Episódios que correm em surdina, até entre os polícias honestos que desencadeiam uma autêntica guerra entre David e Golias, aos quais o sistema proporciona escassos meios de combate aos «tubarões» da droga. Como convém...



O arquipélago dos Bijagós está referenciado como uma das principais e seguras portas de entrada da droga desembarcada pelos cartéis colombianos na Guiné-Bissau

Filho de presidente confessou ‘pecado’ mas foi libertado

O filho mais velho do antigo presidente da Guiné-Conacri, Ousame Conte, recentemente falecido, chegou a confessar ligações ao narcotráfico proveniente da Guiné-Bissau e foi mesmo detido por suspeita de envolvimento no caso de um avião que transportava cocaína e dinheiro, em Abril de 2007. Graças à pronta intervenção de Nino Vieira, amigo pessoal do estadista Lausana Conte, o suspeito foi libertado. No entanto, não se livrou de «trabalhos»: após a morte do pai, Conte foi novamente citado num processo de tráfico de droga descoberta num pequeno avião (840 quilos de «coca») e dinheiro que vinham da Guiné-Bissau. Ousame Conte continua detido no quartel-general da junta que governa a Guiné-Conacri.

país africano que se encontravam detidos por tráfico de cocaína. Esse funcionário era um dos principais responsáveis pelo tráfico de cocaína para Lisboa. Dizia-se familiar de um antigo ministro de Nino Vieira, facto que a PJ confirmou, e que afirmava que estava à espera de ser nomeado para presidente do Supremo Tribunal de Justiça. A polícia portuguesa chegou a «interceptá-lo» no aeroporto de Lisboa, mas, estranhamente, não lhe foi detectado qualquer estupefaciente, o que levou os investigadores a julgar que o mesmo havia recebido um «aviso» de última hora de alguém importante em Lisboa.

Texto: José Leite

o Brasil, país para onde foram viver e estudar muitos nigerianos. Em meados dos anos 90, o tráfico de cocaína entre o Brasil e Portugal, através de redes nigerianas, era já uma realidade e atingia proporções alarmantes.

Por motivos religiosos, de linguagem ou de proximidade, cidadãos guineenses começaram a apoiar os nigerianos no tráfico de cocaína a partir do Brasil ou do Equador (a rota era Quito-Curaçao-Amsterdão-Lisboa), utilizando «correios», os quais ingeriam a cocaína (cápsulas de 5 gramas), chegando a transportar mais de meio quilo por pessoa.

A partir do ano de 2000, o fenómeno transformou-se, e envolvia já altas figuras do governo e do aparelho militar guineenses. Alguns dos correios de cocaína tinham sido altos quadros das forças armadas. As investigações da PJ citavam um episódio: foi referenciado no Brasil um grupo de 5 guineenses para servir de correio (os chamados «cagões», porque iriam ingerir o «produto») para Portugal. Um deles teve de regressar mais cedo à Guiné-Bissau onde ia assumir um lugar de vice-chefe de Estado-maior, no tempo de Ansumane Mané, o líder político que também acabou assassinado.

A PJ chegou a referenciar no Brasil um funcionário do consulado guineense, licenciado em direito, que dava apoio aos cidadãos daquele